

Uma aventura monstruosa

Lúcia Araújo

Ao longe já se via a neblina que baixava da serra, logo tudo estaria coberto e sumiria as casas, a estrada e até a serra mais alta. Um frio de arrepiar não se sabe se pela baixa temperatura ou pela escuridão que chegava.

Minha mãe chama minha irmã mais velha e pede que corresse a buscar querosene, pois o da casa estava no fim. Corri a segurar a mão de minha irmã e caminhamos pela estradinha de saibro, enquanto a fumaça branca da nebrina já cobria quase tudo e só visualizávamos uns poucos metros à frente. Minha irmã pouco falou. Caminhava com passos firmes segurando minha mão. De vez em quando eu fechava os olhos e tinha a sensação de que voava com ela naqueles passos.

Uma curva e surgiu o barracão de madeira, negro pelo tempo parecendo aqueles de filme de terror. Exalava um cheiro forte de querosene, diesel e gasolina guardados em tambores. No lado aberto estacionado ficavam os caminhões, as máquinas pesadas como a patrol e a velha camionete.

O vigia um velho que gostava de contar casos de assombração que, ao mesmo tempo aterrorizava e encantava as crianças nos esperava sentado em um banquinho. Soltei a mão de minha irmã e corri para as máquinas que parecia um parque de diversão, embora naquela época eu não soubesse o que era um. Ele encheu um pequeno galão com querosene combustível para as lamparinas e o entregou a minha irmã. Eu entretida brincava subindo nas máquinas, principalmente a que meu pai

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

trabalhava retirando o saibro para a estrada.

Minha irmã acena para irmos embora e eu ainda relutei um pouco, o velho vigia diz: vão meninas que daqui a pouco não se verá mais nada só as assombrações.

Peguei a mão de minha irmã e andamos quase a correr contra o tempo e a escuridão que se aproximava. Ao chegar à curva ainda olhei para trás e vi o barracão com as tochas acesas, pareciam olhos. Lembrei-me das assombrações e apertando a mão de minha irmã fechei os olhos e ia acompanhando seus passos, porém um barulho ensurdecedor me fez olhar aterrorizada para o túnel a poucos metros do barracão, de sua boca saía um enorme monstro com dois enormes olhos de fogo. Corri arrastando minha irmã que correu me acompanhando. Chegamos ofegantes a casa e logo tudo estaria iluminado pelas luzes das lamparinas. Um banho quentinho da água do enorme caldeirão que ficava o dia todo no fogão a lenha me fez relaxar.

Na manhã seguinte o sol espantou a neblina e brilhou dourando os orvalhos dos pés de hortênsias do jardim. Tomei café lembrando a aventura da tarde anterior e do enorme monstro saindo do túnel.

Resolvi que ia encarar aquele monstro: peguei o rosário de minha mãe e coloquei no pescoço, também peguei um vidrinho de água que ela dizia que era benta e espantava qualquer mal. Desci para a estrada sem que ninguém percebesse. Com o coração aos pulos caminhei desfilando em minha cabeça todas as assombrações e monstros: a mula sem cabeça, a noiva que pedia carona na boca do túnel e sumia com os motoristas para as profundezas escuras de onde eles jamais voltavam.

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

Agarrada a cruz do rosário seguia determinada em direção ao túnel, o coração batia cada vez mais forte me deixando sem ar. Ao me aproximar olhei bem na boca dele, na sua escuridão onde nada se podia ver e esperei. Um sereno frio caiu em meu rosto, vindo da água que despencava da sua lateral o que me fez arrepiar ainda mais.

Não demorou muito e o ronco do monstro fez estremecer as pedras. Disposta a encará-lo ergui a cruz e a água benta pronta pra jogar na fera. Tudo parecia uma eternidade quando da boca do túnel saiu com os faróis acessos e buzinando muito um caminhão.

* * *

Lúcia Araújo (2022)

Conto